

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v14i33.4209>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



O SENTIDO HISTÓRICO COMO POSSIBILIDADE DE REVITALIZAÇÃO OU DEPAUPERÇÃO DA CULTURA

The historical sense as a possibility of revitalization or depletion of culture

Abraão Costa

Centro Universitário Estácio de Brasília, DF

Resumo: O artigo propõe analisar os diferentes sentidos históricos contidos na *Segunda Consideração Extemporânea*. Basicamente, o argumento nietzschiano acerca da palavra história desenvolve as seguintes explicações: contribuir no fortalecimento da cultura, tendo em vista o potencial inspirador que guarda, servindo de referência para o presente e o futuro; contrária a perspectiva anterior, caso feito o uso excessivo desse estudo acabaria gerando efeitos paralisantes na cultura. Além da crítica às pretensões histórico-científicas positivistas e hegelianas que delineavam os contornos da vida moderna, os ensinamentos de Nietzsche podem ser entendidos como uma exigência clínica direcionando novos cursos para um mundo em franco declínio.

Palavras-chave: Antiquária, Crítica, Monumental, Nietzsche, História.

Abstract: The present article proposes to analyze the different historical meanings contained in the *Second Extemporaneous Consideration*. Basically, Friedrich Nietzsche's thesis on the histories Monumental, Antiquarian, and Critical develops the following explanations: first, to contribute to the strengthening of the culture, in view of the inspiring potential that they hold, and then serve as a reference for the present and the future; second: contrary to the previous perspective, if excessive use were made of these studies, they would end up generating retrograde and paralyzing effects on man and culture. More than a harsh criticism of the positivist and Hegelian historical-scientific claims that outlined the outlines of modern life, the philosopher's teachings can also be understood as a clinical demand capable of pointing to new courses for a world, according to him, in frank decline.

Keywords: Antiquarian, Critical, Monumental, Nietzsche, History.

Introdução

Nietzsche dedicou, desde o tempo das *Considerações Extemporâneas* até os escritos da maturidade, profunda atenção ao problema da correlação entre o sentido de uma cultura superior com o sentido histórico e da formação [*Bildung*] do indivíduo. Por conta dessa análise, buscou estabelecer a diferenciação entre aquilo que seria considerado uma unidade de estilo e o acúmulo irrestrito de saberes, designando, no caso, a mistura caótica de todos os estilos. Para constatar isso, o filósofo precisou de maneira simbólica se imbuir da tarefa clínica, a fim de diagnosticar tal como médico os males provocados pela cultura moderna. O motivo da doença? Possivelmente, o estímulo ao modo de vida próspero e feliz, que tinha como fatal destino o padecimento provocado por uma espécie de morbidade histórica acompanhada da carência imediatista da falta de estilo, preocupada apenas com a subserviência dos assuntos econômicos e estadistas. Contrariando essa perspectiva, Nietzsche acreditava que a história e o fortalecimento da cultura dependeriam do quanto essas estivessem a serviço da vida, ou seja: dependeriam

da quantidade da força [*Kraft*] e de vitalidade [*Lebenskraft*] a serem despertados no interior de cada pessoa.

Na interpretação de Patrick Wotling, é coerente dizer que o pensamento é uma interpretação da realidade a partir de uma reflexão sobre a vida: “ponto de vista inevitável, se admitirmos que toda realidade é perspectiva, interpretativa e que nenhuma interpretação pode fazer abstração das condições próprias ao vivente interpretante que a constrói” (WOTLING, 2011, p. 59). Enquanto isso, Céline Denat (2009, p. 12) interpreta o sentido da vida como aquilo a quem o conhecimento deve sempre prestar serviço. Melhor dizendo, quando abordado o estudo da história ou do ensino de forma geral, jamais deve se perder de vista a “vida” para a qual o intelecto deve a todo custo servir. Veremos ainda que a história, enquanto ciência ou o estudo histórico ao passo em que está a serviço da vida, está concomitantemente a serviço de uma potência [*Macht*] “a-histórica” e, desse modo, nunca, nessa sujeição, poderá e deverá transformar-se numa ciência pura, como, digamos, “a matemática” e, por isso, a vida [*Leben*] é “essa potência oculta, impulsiva, insaciavelmente desejosa de si mesma [*jene dunkle, treibende, unersättlich sich selbst begehrende Macht*]” (HL/Co. Ext. II 3).

Percebemos o quanto Nietzsche estabelece um novo sentido histórico ao nos mostrar as vantagens de pensarmos a história como algo afirmativo à vida. Referimo-nos não apenas ao sentido “a-histórico” como também o “supra-histórico”. A força a-histórica está relacionada com a faculdade do esquecimento, circunscrita num horizonte definido enquanto que as forças “supra-históricas” remetem-se à ideia de eternidade e de estabilidade, portanto, concernentes à arte e à religião. Em oposição a essas forças, a ciência histórica enxerga-as com hostilidade, considerando a história [*Historie*] como resultado de uma evolução, uma realidade histórica sem dar importância àquilo que já existe. Outrossim, a investigação ao passado através da supra-história consiste num estudo para além da linearidade, da continuidade e do progresso. Como então fazer uso do supra-histórico? Primeiramente, é preciso retirar do presente aquilo que ele possui de mais grandioso, de forte e de diferenciado, para em seguida interpretar o passado.

Seguiremos realizando uma investigação sobre o sentido histórico como meio de entendermos a respeito da proposta de revitalização da cultura moderna. Dando ênfase à *Segunda Consideração Extemporânea*: sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida, temos a intenção de verificar a crítica de Nietzsche naquilo que concerne às pretensões históricas do seu tempo. A pretensão do historicismo hegeliano, bem como do positivismo em aprimorarem o sentido histórico, conforme visto na modernidade, trouxera, ocasionalmente, o distanciamento e o empobrecimento maior da cultura ao dedicarem-se excessivamente ao passado, perdendo com isso a capacidade de articulação com o modelo histórico e formativo de interesse humano. A partir de agora serão analisados os três sentidos históricos, sendo o Monumental, o Antiquário e o Crítico, concluindo esta investigação com a análise complementar do sentido histórico para a vida.

Os três sentidos históricos

Nietzsche propôs três formas de estudo a serem investigadas na tarefa de explicar-nos a medida propositiva do culto à história [*Historie*], bem como alcançarmos uma genuína reflexão filosófica: nos referimos às histórias Monumental [*Monumentalische*], Antiquária [*Antiquarische*] e Crítica [*Kritische*]. Em cada um desses estudos notamos a correspondência a um determinado tipo de homem: a Monumental corresponde àqueles que vão em busca de algo grandioso no presente, mas para isso precisam recorrer ao passado; a Antiquária, para os que agiriam como freio à cultura moderna, reconstruindo o passado a favor do crescimento dos valores atuais e, por último, a Crítica, disposta a eliminar as intempéries do passado, para então expandir a vida, sem que haja qualquer obstáculo que comprometa essa expansão. Embora as explicações até o momento dadas insinuem uma perspectiva positiva, veremos como também é possível que essas três formas de história estejam por outro lado remetidas ao aspecto negativo, pondo em risco o desenvolvimento da vida, de um povo e da sua cultura.

Antes de melhor expô-las, é certo afirmar que nenhum desses três sentidos da história foi rejeitado por Nietzsche, da mesma forma que o filósofo jamais declarou explicitamente sua preferência por qualquer uma delas. Diferente disso, ao reconhecermos através desse estudo suas utilidades e desvantagens, vemos claramente o rompimento com as correntes historicistas hegeliana e positivista, consideradas, até aquele momento, como as mais importantes formas de investigação histórica no mundo moderno. Ademais, a exigência de uma constante e rigorosa avaliação sobre o sentido histórico tornou-se novidade como modo de realmente averiguar seu verdadeiro valor, não para a ciência, mas sim para a vida.

A História Monumental pretende resgatar os modelos de mestres do passado, dificilmente achados no presente. Nas palavras de Goethe, “o poeta não pode mais encontrar no seu entorno os caracteres humanos de que carece para a sua obra” (*HL/Co. Ext. II, 2*)¹. Nietzsche, entretanto, menciona a possibilidade desses modelos reaparecerem, uma vez que se o passado pôde comprovar seus feitos, ainda há esperanças de que grandes homens possam retornar no futuro. O filósofo alemão cita ainda o historiador grego Políbio, que defendia a necessidade do estudo da história [*Geschichte*] política como forma de preparação para o exercício de um bom governo. Motivo pelo qual nos permitiria pensar a história como disciplina “capaz de exortar, pela recordação das infelicidades de outrora, a suportar constantemente os caprichos da fortuna” (*HL/Co. Ext. II, 2*).

Políbio seria o bom exemplo para pensarmos o verdadeiro sentido histórico monumental - um historiador cuja apreensão do passado soube descrever e assimilar o passado em condição de ser imitado no presente. O retorno no tempo na intenção de recuperar a grandeza ao passo que seus feitos retornem mais uma vez. Vale ressaltar a referência de um sentido histórico encaminhado exclusivamente ao homem ativo, que pretende na procura a esses modelos e mestres inspiração suficiente para engendrar as ações no presente. Oposto aos homens fracos e tediosos, é através da visita ao passado que os homens ativos tomam fôlego para empreender novas tarefas. A recompensa dada a eles não viria de outra forma senão pela conquista de um lugar de honra na história da qual fizeram parte. Diz Nietzsche:

Para não perder a coragem e sucumbir de tédio no meio dos ociosos fracos e incuráveis, no meio de pessoas que querem parecer ativas, quando são somente agitadas e febris, o homem de ação interrompe por um instante a sua corrida e toma fôlego na contemplação do passado. Mas o fim desta corrida é uma felicidade qualquer, talvez não a sua própria, mas, na maioria das vezes, a felicidade de um povo ou da humanidade inteira; a resignação lhe repugna, e ele utiliza a história como remédio contra esta resignação. Ele não tem, frequentemente, nenhuma perspectiva de recompensa e não pode esperar senão pela fama, quer dizer, pela obtenção de um lugar de honra no templo da história, onde, por sua vez, ele educará, consolará e porá de sobreaviso a posteridade (*HL/Co. Ext. II, 2*).

Como dissemos no início, se de uma maneira notamos as vantagens da História Monumental, é preciso chamar a atenção para as desvantagens que apareçam no caso desse mesmo estudo cometer algum excesso. Nesta ocasião, se a sua vantagem consiste em conduzir o homem às ações no presente a partir da incursão dos grandes mestres e modelos do passado, de outra maneira, sua desvantagem reside numa adoração a esse mesmo passado tornando-o equivocadamente uma espécie de mundo fictício ou ideal. Além disso, esse lado inconveniente da História Monumental pode ignorar a diferença de causas que levam à história, ao estimular a crença equivocada de que as ações ocorridas no passado poderão ser repetidas a despeito das exigências das diferentes épocas. Isto posto, esse estudo nos leva a duas diferentes considerações: ou deposita esperanças no homem do presente tendo como referência os grandes nomes do passado ou prende-se em

¹ Apud Carta de Goethe a Eckermann, de 21 de julho de 1827.

demasia a esses mesmos nomes, desprezando o tempo atual em defesa de um ceticismo histórico que rejeite qualquer perspectiva no futuro por acreditar que no mundo jamais voltarão a existir homens como aqueles que viveram e realizaram os grandes feitos.

Podemos aplicar as mesmas considerações à História Antiquária, pois de modo fidedigno propõe o cuidado em guardar na memória os feitos do passado, quer sejam as recordações mais grandiosas como também as ações mesmo diminutas que sirvam de inspiração e contribuição na elevação do povo e da cultura. Conservar, sobretudo, aquilo que sempre existiu de legado às futuras gerações assegurando, assim, os valores que sempre dessas coisas pertenceram, inclusive aquelas menos percebidas devem receber “sua dignidade e sua intangibilidade próprias do fato de a alma conservadora e adoradora do homem antiquário se transportar para estes objetos e aí constrói um ninho macio” (*HL/Co. Ext. II, 2*). Nietzsche aqui faz menção à importância de o homem buscar sua própria elevação espiritual, superando o individualismo na intenção de comungar da espiritualidade existente entre o seu povo.

Reiteradamente o jovem filósofo apresenta na História Antiquária a necessidade que deve haver nos homens de se preocuparem em preservar suas origens. Assim como nas conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, notamos na *Segunda Consideração Extemporânea* a simpatia do filósofo com o pensamento de Goethe, alguém que para ele melhor representou o espírito antiquário. Prova disso está no elogio de Goethe feito à construção da Catedral de Strasbourg, monumento que para o escritor representa a força e a expressão da alma alemã (*HL/Co. Ext. II, 2*). Esse e outros exemplos - como o da sensibilidade dos poetas italianos durante o Renascimento - comprovaria a capacidade da história de servir à vida, abstendo-se da busca por inspiração em lugares longínquos quando a pátria e os costumes nacionais já seriam capazes de ofertar as melhores condições para uma vida afirmativa. Afinal, “como poderia a história melhor servir à vida senão vinculando os povos e as raças mais favorecidas à sua pátria e a seus costumes nacionais, fixando-os e fazendo-os desistir de ir procurar e disputar em outros lugares melhores condições de vida”? (*HL/Co. Ext. II, 2*).

Em linhas gerais, esse estudo revela o desejo pelo retorno fiel e cuidadoso ao passado, resgatando às origens históricas do mundo no qual algum dia pertencemos. Nesse aspecto, é preciso atenção com tudo o que existe de antigo ao longo do tempo, de modo a fazer com que isso seja capaz de conservar o futuro. Depreendemos desse sentido a importância da preservação da vida, sem nunca deixar que a história seja utilizada como meio único de estagná-la, mas sim de estimulá-la. A característica essencial da História Antiquária será a de promover e de venerar a vida, impedindo-a de afastar-se das questões emergentes, responsáveis de dar a ela sentido, já que, do contrário, cairia na debilidade, deixando-a estagnada.

Acerca das desvantagens da História Antiquária, é necessário destacar que no momento em que há o entendimento de que suas vantagens devem ser postas de lado, desprezando com isso a vida e o presente, ocorrerá a degenerescência da cultura histórica, inviabilizando, paulatinamente, o vir-a-ser [*Werden*]. Acreditamos haver um risco iminente ao analisar o aspecto negativo desse sentido histórico, tendo em vista a sacralização e a veneração de algumas descobertas históricas resultarem no distanciamento da atualidade, da criação e da seleção daquilo que é comum à vida – tudo isso paralisa a disposição do homem para as novas ações. Logo, caso o historiador pretenda unicamente se prender no passado, devido a crença de uma suposta racionalidade na história, isso trará, segundo Nietzsche, a paralisia das ações responsáveis por tudo aquilo que dá sentido ao presente e à vida. A história dentro da perspectiva antiquária pode depauperar a cultura no instante em que deixa de ser motivada pela vitalidade do presente: “então, a piedade resseca e não resta mais nada senão o pedantismo rotineiro que gira com um egoísmo complacente em torno do seu próprio centro.” (*HL/Co. Ext. II, 2*).

A História Crítica encerra os sentidos históricos. Nela, verificamos sob seu aspecto positivo o modo de estudo daquilo que deve desfazer-se dos entraves do passado. Nietzsche nos explica de maneira geral que as Histórias Monumental, Antiquária e Crítica

assemelham-se entre o propósito de jamais prestarem somente ao interesse de satisfazer a uma certa erudição, pois, mais do que isso, devem primordialmente servir de orientação à vida. Nessa ocasião, a História Crítica é reconhecida por sua reflexão ao passado, avaliando rigorosamente em que medida esta parte do tempo não interfere no presente e na vida. O conhecimento no qual o homem obteve de herança no passado precisa servir ao futuro e ao presente, evitando a paralisação de novas e importantes ações que tragam a esperança de ressignificar ainda mais a existência. Não obstante, o filósofo reconhece as dificuldades desse estudo crítico, uma vez que, para ele, a cultura moderna tornou-se incapaz de relacionar a vida com a história.

A melhor forma de viver consiste na aquisição de força para afastar e eliminar os erros paralisantes pertencentes de alguma parte do passado. Conduzir parte desse passado, enquanto fruto de nossas fraquezas ao severo julgamento para, em seguida, condená-lo, porém, não pela justiça dos valores tradicionais e sim pela vida, por tratar-se da fonte pura do conhecimento. De um lado, vemos a importância do esquecimento como uma força plástica [*plastische Kraft*] que restabelece a saúde física e mental, por outro, existe a importância das lembranças em que somente através delas é possível reparar as injustiças do passado que merecem desaparecer. É dessa maneira que investigamos “o passado de um ponto de vista crítico e se ataca com o machado as suas raízes, se abstendo cruelmente, além disso, de todas as clemências” (*HL/Co. Ext. II, 2*).

As dificuldades para a história dar sentido à vida encontram justificativa no bombardeio de informações que o homem moderno possui. Informações sem qualquer contextualização ou valoração do presente, por isso também sem nenhuma condição de orientá-lo: algo então destituído do poder transformador que poderia estimulá-lo a empenhar e realizar novas e importantes ações no presente. Diante dessa circunstância, resta entender a cultura moderna como algo essencialmente contraditório, destituído de qualquer autenticidade ou simplesmente “uma espécie de saber sobre a cultura.” No pensamento do jovem filósofo, a única maneira da História [*Historie*] ser tratada no aspecto positivo e afirmativo é não se perder de vista, jamais, a preocupação com a vida. É a vida que deve orientar a História e não o contrário, impedindo a estagnação do presente em virtude do excesso de culto ao passado.

Ao contrário da barbárie da cultura moderna, a cultura superior, tratado na *Primeira Consideração Extemporânea*, e novamente retomada por Nietzsche na *Segunda*, representa a unidade de estilo artístico em todas as manifestações da vida de um povo. Mas, para tanto, será preciso se desfazer da cultura moderna a fim de recuperar a saúde de um povo e da sua cultura. Dessa maneira, o homem, bem como o povo e a cultura da qual pertencem, precisam da história, contanto que esta sempre esteja à mercê da vida. Em suma, a vantagem da História Crítica é não estar de forma alguma subordinada ao passado, cabendo unicamente àquele que o investiga sob o viés crítico também condená-lo e destruí-lo com o propósito de libertar-se dele. Nosso filósofo, no entanto, alerta que a negação radical ao passado possui sérios danos, haja vista o ímpeto destruidor, característico dessa História Crítica, pode ao mesmo instante em que tenta destruir o passado ignorar a herança sombria que o homem moderno recebera.

O uso exacerbado dessa História Crítica corresponde aos riscos da sua desvantagem. Contrariando os historiadores críticos, Nietzsche adverte sobre os perigos do excesso desse sentido histórico para a vida, considerando inconcebível qualquer meio de isenção da história, quer seja sobre a sua noção de justiça ou de injustiça. Isso significa que independente da vontade humana existirá sempre uma herança histórica boa ou má, cabendo ao homem aprender a lidar e a ressignificar aquilo que tem a ver com o seu passado. De tal maneira, não é possível aos homens se livrarem de suas próprias origens e, tampouco, precisar facilmente os fatos que deveriam ser negados ou esquecidos sem com isso comprometerem suas vidas. Assim, quando negamos qualquer aspecto positivo do passado, acabamos, dessa forma, dificultando as chances de enxergarmos a exemplaridade dos feitos que verdadeiramente serviriam de referência simbólica para constatar os que existe de mais elevado na história.

A motivação muitas vezes passional que impulsiona os historiadores a investigar a história dentro da abordagem crítica os conduz avidamente a conclusão de um passado injusto, e, desse modo, bem distante da ideia de justiça que sempre imaginaram. O julgamento e a condenação realizados por eles acabam rompendo o elo fundamental que ligaria o passado com o presente e com o futuro. A passionalidade e o exagero desses estudiosos quando condenam o passado traz, por conseguinte, a condenação dos monumentos da cultura, dos grandes homens e das suas experiências que permitiram tudo aquilo que existe de mais grandioso.

Em síntese, o sentido histórico analisado de acordo com as histórias Monumental, Antiquária e Crítica é precisamente fundamental para os homens entenderem o passado sem assim perderem o sentido da vida. Ora, é preciso que o retorno ao passado esteja submetido a tamanha força cuja capacidade não crie impedimentos para as ações do presente, nem muito menos propicie barreiras à edificação de um futuro que não seja simplesmente repetição. Dessa forma, a tese de Nietzsche acerca do sentido histórico nos leva a uma espécie de justa medida, ou seja, percebermos a vantagem da história, uma vez tratada como referência para as ações do presente e do futuro, caso contrário, o culto exacerbado aos feitos da historiografia manteria os homens presos dentro da mais profunda e irremediável estagnação do passado.

O excesso de história nos homens pode se tornar perigoso por cinco diferentes razões: primeira, por produzir uma rivalidade anteriormente reavivada entre a interioridade e a exterioridade, depauperando a personalidade; segunda, por conduzir-nos ao equívoco de achar que numa certa época houve tamanho grau de virtudes, que, devido a isso, nunca mais existirá outra época em condições de superá-la; terceira, esse excesso tende a desorientar um povo e sua cultura, impedindo-os de amadurecer em coletividade; quarta, promove uma crença danosa sobre a velhice da história da humanidade, fazendo-nos acreditar que não há mais nada de importante a ser feito; e a última, leva-nos à descrença da capacidade de empreendermos novos feitos, tornando-nos, além de egoístas, pessoas cínicas e irônicas.

É inegável a atenção que Nietzsche dedicou ao homem moderno. Seu diagnóstico o fez acreditar que a modernidade, diferente da visão otimista dos historicismos cientificista e hegeliano, levaria os homens à mais completa decadência. Nesse ponto, não seria exagero comparar o homem moderno com os romanos, que acabaram se extraviando nas várias correntes culturais pertencidas aos povos conquistados ao longo da expansão do Império. O cosmopolitismo contraído através das influências estrangeiras fez com que os romanos adquirissem novos hábitos, comprometendo fatalmente o substrato da própria cultura à qual pertenceram. Para o filósofo, tal acontecimento os levariam à degeneração, situação semelhante a do homem moderno, cujo espírito de universalidade também o fez menosprezar a essência do seu povo e da sua cultura [*Bildung*].

Embora Nietzsche seja sucinto nesse comentário, podemos compreender à luz do seu pensamento que uma cultura forte se faz apenas através de uma construção genuinamente pura sem qualquer interferência estrangeira². A respeito disso, cabe nos posicionarmos com base nas seguintes contra-argumentações: não é mistério para qualquer cientista social que a criação da cultura resulta de determinadas necessidades sociais, ou seja, ninguém inventa algo do nada, já que depende muitas vezes da interação com outros povos. Trata-se de criar a partir do conhecimento acumulado de alguma cultura, combinada com os elementos preexistentes para produzir algo novo. Ora, o que seria dos gregos e dos romanos sem essa mescla cultural? Se lembrarmos de que a filosofia no mundo grego surgiu no século VI a.C. como resultado de uma típica relativização do pensamento do povo grego em relação aos demais povos com quem estabeleceram relações comerciais, torna-se aceitável nossa defesa da importância da difusão cultural.

² Há momentos em que identificamos excertos isolados de um Nietzsche aparentemente eugenista. Contudo, jamais afirmariamos vê-lo como alguém próximo das ideias de Gobineau ou de outros eugenistas. Boa prova da oscilação dos pensamentos do filósofo alemão se encontra na anotação privada de 1885/1886, em que declara “onde as raças se misturam, existe a fonte de grande cultura”.

Outras considerações sobre o sentido histórico

Retomando o tratamento do homem moderno, percebemos como seu principal atributo a objetividade, motivo, de acordo com o jovem filósofo, responsável pela predominância histórico-filosófica do hegeliano até meados do século XIX. Por conta disso, Nietzsche achou necessário denunciar a “teologia disfarçada” provocada pelas ideias hegelianas que estavam em conluio com o cristianismo. Seria então a aliança desse historicismo com a doutrina cristã a responsável pelo demasiado otimismo depositado no Estado moderno, o que para a tese hegeliana representara a culminância da História universal. Nas palavras de Hegel:

O Estado é racional em si e para si: esta unidade substancial é um fim próprio, absoluto, imóvel, nele a liberdade obtém o seu valor supremo, e assim este último fim possui um direito soberano perante os indivíduos que em serem membros do Estado possuem o seu mais elevado dever... Se o Estado é o espírito objetivo, então é só como membro que o indivíduo tem objetividade, verdade e moralidade. A associação como tal é o verdadeiro conteúdo e o verdadeiro fim, e o destino dos indivíduos está em participarem numa vida coletiva; quaisquer outras satisfações, atividades e modalidades de comportamento têm o seu ponto de partida e o seu resultado neste ato substancial e universal (HEGEL, 1997, p. 217).

Nietzsche, entretanto, reconhecia somente na instituição “Estado” o instrumento disposto a salvaguardar a ordem das coisas, sendo de grave equívoco tratá-lo como fim. Nesse contexto, o Estado, em verdade, serviria somente para promover a instrução geral do povo e, assim, afetando diretamente o ensino, acabaria pondo fim às individualidades em proveito de uma massa preparada para servir aos interesses de um novo tempo. Esse Estado prejudica os interesses de uma cultura forte, o que também inclui os interesses nietzschianos de reforma da cultura alemã. Razão pela qual várias vezes o filósofo estabelece comparação com a forma de vida dos gregos, já que aqueles estavam destituídos da falsa dignidade do homem e do trabalho, coisa que para eles representava o mais sincero sentimento de vergonha.

“Na História-Mundial, somente podemos considerar os povos que constituem Estados.” (HEGEL *apud* LEBRUN, p.71). Essa frase parece fazer sentido aliando-a à crítica de Nietzsche ao historicismo hegeliano, mas, de acordo com Gérard Lebrun (Ibid, p. 19) a passagem mesmo que tenha sido por diversas vezes lida como indicativo de que a formação dos Estados modernos tratar-se-ia da finalidade da História, no qual o propósito estaria cumprido no instante em que esse fim fosse alcançado, há, no entanto, que se entender a necessidade de averiguarmos a amplitude dessa informação. Lebrun, ao interpretar Hegel, nesse ponto, nos mostra que a História trabalha ao avesso da estatização. Um povo, mesmo após ter se organizado como Estado se mantém devidamente histórico: porque o motivo de se submeter a tais acontecimentos o leva à condição do envelhecimento e da morte - algo diferente do desenvolvimento do Espírito, pois sua evolução jamais admite qualquer comparativo biológico.

A objetividade histórica foi compreendida como a principal ou única força do homem moderno; aquilo que predominou enquanto expressão filosófica do historicismo no século XIX foi o sistema hegeliano referente ao historicismo absoluto. Diante da filiação desse historicismo hegeliano com o cristianismo, vemos o motivo pelo qual mais uma vez Nietzsche se empenhou em formular duras críticas como modo de denunciar o que para ele tratava-se de uma “teologia disfarçada”. No entanto, a despeito das críticas do filósofo, havia um forte otimismo sobre o mundo: em que a crença no Estado moderno representaria o ápice da história universal. A vitória do direito e da justiça na modernidade eram a prova da instituição “Estado” enquanto máxima representação do Espírito objetivo - que levaria os homens à verdade e à moralidade.

Conforme tratamos até aqui, a história em excesso afeta o futuro por destruir as ilusões ou a força plasmadora, impedido, desse modo, a articulação entre o passado e o tempo atual. Isso a torna um instrumento terrivelmente alienante e perverso por conta de

sua incapacidade de transformar a memória numa referência disposta a auxiliar na construção do futuro. Seria então o exemplo do equívoco da pesquisa histórica, repleta de atos desumanos, absurdos e violentos, que acabariam comprometendo as ilusões do porvir, já que os homens do presente jamais viram no passado inspiração suficiente para ressignificar o seu tempo. De certo, só os homens superiores podem produzir quando de fato amam, ou seja, quando existe neles a devida crença de que suas ações podem elevá-los a tudo aquilo que realmente possa representar o que há de mais justo e belo. Porém, com a perda desse amor incondicional que os leva à coragem de realizar grandes ações, corta-se o precioso alimento dessa força, pois “somente o homem experimentado, o homem superior, pode escrever a história. Quem não tenha feito algumas experiências maiores e mais elevadas do que as de todos os outros homens não poderá jamais interpretar a grandeza e a elevação no passado” (*HL/Co. Ext. II, 3*).

Por isso, a ilusão [*Täuschung*] humana é algo essencial, servindo de alimento quando contribui para a maturidade do homem e do seu povo. Lembremos que essa ilusão está coadunada com o sentido a-histórico, o que para Nietzsche, mostra-se muito acima do interesse decadente da História universal. Todavia, há mais respeito por essa história do que pela vida, mesmo que essa vida de nada possa valer caso esteja à mercê das manipulações da ciência. Diante disso, ocorre a depreciação da vida quando a mesma não consegue mais projetar o futuro pela perda dos instintos e das ilusões.

Nietzsche retorna à reflexão acerca das conferências *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino* ao denunciar o desprezo da cultura moderna às personalidades maduras e realizadas. Assim passou a predominar o interesse do trabalho coletivo e da produtividade a qualquer custo em detrimento da formação [*Bildung*] voltada para o cultivo do homem superior. Era obrigação do homem moderno atender às demandas daquele tempo no intuito de conquistar o mais depressa algum cargo de responsabilidade na sociedade burguesa. O trabalho extenuante das fábricas e dos demais postos de serviço comprometia as chances da maturação do espírito, tornando isso “um luxo que privaria o mercado de trabalho de uma grande quantidade de forças. Há pássaros que são cegados para assim cantar melhor” (*HL/Co. Ext. II, 3*).

O sentido histórico tenderia cada vez mais a perder o sentimento de estranhamento e as inquietudes ao ser incapaz de admirar qualquer coisa, mas, ao contrário, tudo aceitando passivamente. A crítica nietzschiana caiu perfeitamente sobre os estudantes de história que, segundo o filósofo alemão, tratavam-se dos herdeiros de um marasmo prematuro, possivelmente existente entre eles desde a adolescência (*HL/Co. Ext. II, 3*). Bem cedo eram obrigados a assimilar os métodos de pesquisa que seriam utilizados na profissão, como as artimanhas e o tom arrogante de seus mestres. Tudo na intenção de virem a ser aquilo que Nietzsche denominou por “servidores da verdade”. Tratar-se-ia do ápice da profissão desses jovens, o que para o filósofo era lamentável, pois o trabalho desempenhado por esses estudantes em nada se diferenciaria do trabalho prematuro e repetitivo das fábricas. Conforme o próprio filósofo declara:

Lamento que seja preciso recorrer ao jargão dos senhores de escravos e patrões para tratar de assuntos dos quais a utilidade e a necessidade material deveriam estar ausentes, mas as palavras “fábrica, mercado de trabalho, oferta, produtividade” – junto com toda a terminologia usual do egoísmo – vêm inevitavelmente aos lábios, quando se quer descrever a nova geração de eruditos. A mediocridade constitutiva se torna cada vez mais medíocre, a ciência se torna cada vez mais lucrativa do ponto de vista econômico (*HL/Co. Ext. II, 3*).

A filosofia deve analisar o passado de forma a procurar compreendê-lo como utilidade para o presente e não como aquilo que o leva à decadência. O bom exemplo assinalado por Nietzsche diz respeito aos antigos gregos que, diferente dos modernos, souberam estender a vitalidade da sua cultura através da grande força do sentido a-histórico. Desse modo, se a filosofia introduz os sentidos e valores, criando conceitos

dispostos de modo a inserir-nos dentro do espaço de criação e construção, em contrapartida, o desprezo a tudo isso acabaria por prender-nos ao passado em razão da sua ineficácia em dialogar com o presente e com o futuro. Presumimos que a tese nietzschiana nos conduza a uma questão acerca da história: assim, em que medida o culto ao passado afeta o presente, comprometendo, por conseguinte, o futuro do pensamento? É preciso pensar a história dentro de um contexto positivo para a vida, ou seja, de modo supra-histórico, a fim de apreender aquilo que venha a ser de exemplo e grandiosidade no passado, mas para isso tanto a arte quanto a filosofia fazem-se necessárias.

De toda forma, Nietzsche chama a atenção de haver pelo menos certa dose de autorreflexão mesmo entre alguns modernos: historiadores em condições de suspeitar da enorme euforia causada pelo conhecimento histórico. Citando Goethe, tratar-se-ia do “obscuro pressentimento do seu erro”, ou melhor, da consciência superior desses historiadores que reconheceram os riscos de superestimar o excesso de história presente na educação de um povo. Mesmo assim, sob o manto da modernidade se podia perceber ainda o domínio da história obscurecendo a educação e a cultura superiores, já que a cultura moderna tomada pela religião aprendeu a ver nesse *memento mori* (lembra-se da morte) a passagem mais importante na vida de um homem.

Nietzsche, em combate ao excesso de sentido histórico e da desesperança no futuro, propõe também a utilização de uma investigação histórica, isto é, o problema do culto ao passado resolvido pela própria história. Com isso, se veria “o imperativo do espírito do novo tempo”, a superação de um conhecimento histórico universal, no qual a predominância da cultura alexandrina cedesse lugar à cultura grego-arcaica. “Então, encontraríamos também neste mundo a realização de uma cultura essencialmente a-histórica e, não obstante, por isso mesmo indizivelmente rica e cheia de vida” (*HL/Co. Ext. II, 4*). Depreendemos dessa reflexão a articulação existente entre as ideias de *Sobre a Utilidade e a Desvantagem da História Para a Vida* e o *Nascimento da Tragédia*, uma vez que:

Todo o nosso mundo moderno está preso na rede da cultura alexandrina e reconhece como ideal o homem teórico, equiparado com as mais altas forças cognitivas, que trabalha a serviço da ciência, cujo protótipo e tronco ancestral é Sócrates. Todos os nossos meios educativos têm originalmente esse ideal em vista: qualquer outra existência precisa lutar penosamente para pôr-se à sua altura, como existência permitida e não como existência proposta (*HL/Co. Ext. II, 4*).

Embora desejoso de se espelhar na força da cultura grega, a fim de compará-la com a cultura alemã, Nietzsche, no entanto, via como feito improvável o elo entre a vida e a história. O sentido histórico cedeu lugar ao cientificismo, servindo unicamente de depósito dos feitos do passado. Se opondo a isso, era preciso refletir sobre a vida, de modo ciente de que o homem jamais poderá recuperar todas as suas lembranças, já que para vivermos é preciso aprender a “esquecer”³ muitas coisas que aconteceram no passado. Chamamos atenção para a estranheza com a qual um antigo grego teria a respeito dessa identificação entre “cultura” e “cultura histórica”, pois os gregos tinham de forma latente o a-histórico em suas vidas. Contrariamente, o homem moderno fez da história um depósito de informações variadas, sem dar a elas qualquer direção que se prestasse de referência à vida. Prova disso estava no povo alemão, cujo desajuste entre o conteúdo e a forma ou as ideias e a realidade fez gerar entre eles uma cultura fraca acabando por se transformar numa espécie de remendo de outras culturas superiores.

Nietzsche, na *Segunda Extemporânea*, é o filósofo que se intitula como alguém que luta contra a destruição da imagem da vida futura. Mas, neste combate, ainda é preciso constatar que “os excessos de sentido histórico de que padece o presente são conservados,

³ Em sentido estrito, o esquecimento para Nietzsche é fruto da força plástica, cujo poder é responsável por tornar à vida mais saudável. No início da *Segunda Extemporânea*, o filósofo se dedica ao estudo do esquecimento, destacando a inveja dos humanos em relação aos animais, já que estes ignoram tanto as tormentas da consciência da finitude e do ressentimento, de certo responsável pela paralisia e o adoecimento.

promovidos e conscientemente utilizados” (*HL/Co. Ext. II, 4*) sendo preciso lembrarmos de que esse excesso é prejudicial à juventude. Comumente, o excesso histórico é usado como forma de romper a resistência habitual dessa juventude, disfarçando-se nos trajes da ciência para iludi-los sobre uma verdade universal que se apresenta nesse estudo. Dessa maneira, a história, quando se apodera dos instintos mais fortes da juventude, acaba por reprimi-los, contendo toda a vivacidade, a firmeza e o amor; a ideia de uma história repleta da justiça e do sentimento universal como pretendido pelo historicismo hegeliano refreia o desejo da lenta maturação dos jovens. Ao invés disso, esse sentido histórico tende a motivá-los precocemente em busca da realização social através da utilidade e da rentabilidade.

Como até aqui explicado, o excesso histórico consegue comprometer as intenções mais distantes do homem, evitando o desenvolvimento da força plasmadora, capaz de protegê-los. Esse homem sob a orientação do excesso histórico acaba enfraquecendo sua perspectiva acerca do futuro, mantendo-se aprisionado ao egoísmo, onde fatalmente estaria condenado a “murchar e ressecar” (*HL/Co. Ext. II, 5*). O fato de tornar-se inteligente não significa ter alcançado sabedoria. Para Nietzsche, significa um indivíduo supérfluo no qual o interesse em obter vantagem a si mesmo ou ao seu grupo em prejuízo dos outros lentamente o faria se aproximar da concepção de humano pensada por Hartmann⁴.

Portanto, seria essa a exigência dos novos tempos: o sentido de ampla entrega da personalidade ao processo universal, no intuito de alcançar a redenção do mundo, tal como defendia o escritor berlinense. Nietzsche, no entanto, fez duras críticas a Hartmann por acreditar que exista um grave erro em crer que possa haver uma Vontade schopenhaueriana coadunada com o Espírito hegeliano disposta a levar os homens à redenção do mundo. Segundo o filósofo, o mais certo é entendermos o oposto disso, isto é: “o mundo seria certamente redimido, caso se libertasse destes ‘homens’ e destes ‘velhos’. E aí viria então o reino da juventude” (*HL/Co. Ext. II, 9*). Ademais, o alcance dessa redenção envolve engajamento e luta, bem como a alegria e a disposição juntamente com o afastamento do interesse medíocre das massas, sustentando-se no exemplo dos grandes homens do passado. É nesse aspecto que o curso da história não pode ser entendido de forma linear e contínua, mas sim, de forma simultânea e descontínua. Nesse sentido, a tarefa da história consiste em promover a mediação entre o presente e os grandes homens do passado, para que a grandeza de seus feitos sirva de exemplo sem que assim jamais desapareçam.

Embora o filósofo alemão guarde uma visão sombria, conforme percebida ao longo dessa denúncia, havia certo depósito de esperança na juventude. Foi a favor da juventude que Nietzsche empenhou as críticas mais contundentes ao excesso de história, a fim de que essa geração entendesse que a educação histórica só teria utilidade caso estivesse verdadeiramente a serviço da vida. Essa compreensão diferenciaria os jovens estudantes de todo o frenesi e falso otimismo instaurado no mundo moderno: a preocupação com a rápida formação e o ganho de dinheiro. Esse estilo de vida moderna, decorrente da cultura fraca incrustrada no povo alemão, teve a intenção de formar o homem erudito, ou melhor, o homem da ciência capaz de afastar-se fria e metodicamente

⁴ Karl Robert Eduard von Hartmann (1842-1906) era filósofo e escritor alemão que buscou em fontes como Schelling, Hegel e Schopenhauer desenvolver a tese geral de que existe um Inconsciente criador no mundo, semelhante ao Espírito hegeliano ou como a Vontade schopenhaueriana, da qual se propôs a conciliar-se (motivo pelo qual sofreu duras críticas de Nietzsche). Para Hartmann, esse Inconsciente enquanto atividade é provenientesmente cego e irracional, mas que, durante seu crescimento progressivo, permitiria à história obter um propósito, ou seja, o de que o Inconsciente na condição de vida humana conquistou enfim a sua remissão das falhas humanas. Em linhas gerais, essa seria a visão que conciliaria a ideia de Espírito e da Vontade. De acordo com Hartmann, proclamar-se-á provisoriamente que a afirmação do querer viver é a única e legítima; pois é unicamente pela total aceitação da vida e dos seus sofrimentos, não por uma covarde renúncia ou um abandono egoísta, que se pode servir ao processo universal. A busca de uma negação individual da vontade é também absurda e inútil, ou seja, mais absurda ainda do que o suicídio. O leitor avisado compreenderia, sem precisar de outras explicações, como se configuraria uma filosofia prática edificada sobre estes princípios, que esta filosofia tinha o significado não de um divórcio, mas de uma reconciliação com a vida (*Philosophie des Unbewussten*, Berlin, 1882, 4ª ed. [NF]).

da vida para com isso melhor conhecê-la. Vemos como resultado dessa ação o engendramento do filisteu da cultura [*Bildungsphilister*]. Alguém submerso de história: “o tagarela senil e pretensioso sempre disposto a discorrer sobre o Estado, a Igreja e a Arte, o espírito capaz de se apropriar de mil coisas, o estômago insaciável que não sabe, porém, o que são uma fome e uma sede verdadeiras” (*HL/Co. Ext. II, 9*).

Nietzsche, nas considerações feitas em *David Strauss, o Confessor e Escritor*, demonstra precisamente o encadeamento de suas ideias existentes com aquilo escrito na *Segunda Extemporânea*. Nesse sentido, depreendemos que as considerações apresentadas em *Sobre a Utilidade e a Desvantagem da História Para a Vida* pressupõe as críticas já feitas na *Primeira Extemporânea*, onde novamente aborda a figura do filisteu como responsável pelo aprofundamento da decadência cultural na Alemanha. Há nas duas obras a clara preocupação com o fim do instinto natural da juventude e, por conseguinte, da depauperação da cultura. Para reverter esse caminho seria preciso reconhecer o potencial dos jovens estudantes, ajudando-os a resgatar sua força para então vê-la expressar-se de maneira máxima. Contudo, quais chances poderiam haver na conquista desse objetivo? O filósofo alemão nos indica como saída a destruição da crença supersticiosa na carência de um tipo de educação de caráter rentável e utilitário.

Além da preocupação com o ganho de dinheiro e da subserviência ao Estado, Nietzsche acreditava que os jovens estudantes também estavam equivocadamente submersos numa educação com ênfase apenas na cultura erudita ao invés de se dedicarem a uma forma de estudo que pudesse inicialmente ensiná-los sobre a própria vida. Assim, o ensino moderno tendia somente a incutir na juventude o aspecto de um conhecimento excessivamente histórico, paralisado no passado sem qualquer articulação com o presente. Isso gravemente preenchia a cabeça dos jovens estudantes com ideias retiradas do conhecimento indireto das diferentes épocas e dos povos do passado, ao oposto da revelação direta da vida que pudesse então estimulá-los ao crescimento da força existente dentro deles.

Para superar o declínio da cultura moderna é preciso formar uma nova geração sobre a égide de uma cultura autêntica, mas antes seria preciso desmascarar as inverdades do filisteísmo alemão, pois, para o nosso filósofo, sequer existia uma cultura alemã conforme muitos defendiam. Como o próprio Nietzsche declara: “não temos cultura, mais ainda, estamos bastante perdidos para a vida, para a simplicidade de ver e ouvir o que se oferece de nós, para aprender efetivamente as coisas mais próximas e mais naturais (*HL/Co. Ext. II, 9*)”. A ausência dessa verdadeira cultura seria percebível quando justificada pela presença dos estabelecimentos de ensino, responsáveis pelo impedimento do seu florescimento. Logo, havia a urgência de libertar a juventude daquilo que fora inculcado dentro dela por várias gerações. Nietzsche, no entanto, reconhece as dificuldades de os jovens terem de assumir essa corajosa posição de educadores de si mesmos. Jovens que deveriam educar para si e contra si mesmos, desfazendo-se dos antigos hábitos para conquistar uma nova natureza e novos hábitos. “Que Deus me defenda de mim mesmo, quer dizer, da natureza que me foi inculcada” (*HL/Co. Ext. II, 9*).

Era preciso que os jovens recuperassem a aliança entre a interioridade e a exterioridade outrora rompida. Os conhecimentos dos quais um jovem adquire devem estar sempre de acordo com os interesses da vida, ou seja, com a exterioridade. Para tanto, é preciso recuperar a capacidade de utilizar seus instintos, absorvendo os conhecimentos que realmente trazem à vida sentido e referência para então tornar-se aquilo que se é, deixando para trás a máscara de homem culto, de erudito, de poeta ou de político. Enfim, a intenção de se tornar honesto ao aprender a lutar contra as falsas realidades.

Considerações finais

Nietzsche mostra que a história não deve ser escrita pelos fatos irrelevantes e medíocres do presente, já que somente nas realizações mais contundentes o homem pode escrevê-la, permitindo-a dar sentido à vida e ao futuro. O historiador, portanto, é imbuído do supra-histórico, aquele poder capaz de imprimir o olhar artístico sobre os acontecimentos do passado, sem que jamais sua investigação sobre o tempo se restrinja à mera generalização de uma narrativa histórica. Ele tem consciência de que os fatos com

os quais lida não passam de ficções, considerando não haver nenhuma objetividade na ciência histórica como muitos acreditam. Geralmente quando se tenta objetivar as explicações históricas, acaba-se reduzindo a sua força, comprometendo a chance de entendermos o passado com sua devida especificidade e singularidade. Os fatos nunca se deixariam apreender totalmente; sobre eles, resta-nos somente imaginá-los como seriam, pois, suas ligações são constituídas de modo desmedido e simplificado e, dessa forma, jamais podendo indicar objetivamente uma explicação histórica (MELO SOBRINHO. 2005, p. 57).

Na verdade, é a vida quem deve dominar a ciência ou, antes, a ciência é quem deve dominar a vida? Quem é superior a quem? Seguramente, Nietzsche responderá que a vida é quem sempre deve imperar sobre a ciência, tendo em vista qualquer um que cometesse a tolice de destruí-la acabaria, conseqüentemente, destruindo a si mesmo. O conhecimento científico depende da vida e, por conta disso, precisa de empenho maior na tarefa de valorizá-la. Daí a necessidade de submeter a ciência a um processo de purificação, pautado no princípio das forças a-histórica e supra-histórica enquanto maneiras de proteger a vida contra as possíveis invasões da doença histórica [*historische Krankheit*]. Isso reforça o propósito da juventude alemã – como “matadores de monstros”, a juventude deve abrir caminho para cultura superior. Uma geração que, ao assumir essa escolha, deverá padecer dos males e da cura desse novo tempo, crendo ser de direito desfrutar de uma cultura autêntica, fruto do verdadeiro propósito da natureza ao invés de continuar a sofrer dos males deixados pelas gerações outrora marcadas pela cultura moderna.

Referências

DENAT, C. *A filosofia e o valor da história em Nietzsche: uma apresentação das Considerações Extemporâneas*. Tradução de Ivo da Silva Jr. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, GEN, nº 26, 2010, p. 85-96.

DENAT, C. Nietzsche, pensador da história? Do problema do sentido histórico à exigência genealógica. Tradução de V. Gosselin. In: MARTON, S. (Org.). *Nietzsche, um francês entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009.

FOUCAULT. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 15-37.

HALL, H. R. *The Ancient History of the Near East*. London, Methurn & Co. Ltd, 1936.

HARTMANN, Karl R. E. *Philosophie des Unbewussten*. Berlin: Haacke, 1882.

HEGEL, G.W.F. *Lecciones sobre la filosofia de la historia universal*. Madrid: Revista de Occidente, 1953.

HEGEL, G.W.F. *Princípios da filosofia do direito*. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ITAPARICA, A. L. M. Introdução. In: NIETZSCHE, Friedrich. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Tradução de A.L.M. Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017, p. 9-25.

LEBRUN, G. O avesso da dialética. *Hegel à luz de Nietzsche*. Tradução de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

MELO SOBRINHO, Noéli. Apresentação In: NIETZSCHE, F. W. *Escritos sobre história*. Tradução de Noéli C. M. Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2005, p. 11-58.

NIETZSCHE, F. W. David Strauss: o crente e escritor. In: NIETZSCHE, F. *Considerações intempestivas*. Tradução de Lemos de Azevedo. Lisboa: Presença, 1992. p. 7-100. (Coleção Síntese).

NIETZSCHE, F. W. *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução de Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2000.

NIETZSCHE, F. W. *Escritos sobre história*. Tradução de Noéli C. M. Sobrinho. Rio de Janeiro/São Paulo: PUC-Rio/Loyola, 2005, p. 41-137.

NIETZSCHE, F. W. *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*. Trad.: André Itaparica. São Paulo: Hedras, 2009.

WOTLING, Patrick. *Vocabulário de Friedrich Nietzsche*. Tradução de Cláudia Berlinder. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

Doutor em Filosofia (UNIOESTE, 2016)

Professor de Filosofia do Direito (Centro Universitário Estácio de Brasília)

E-mail: abraaofilosofia@gmail.com

Orcid Id: <https://orcid.org/0000-0002-2963-8943>